

Padre Alessandro Campos

PASSO A PASSO COM DEUS PAI

**Nunca perca a
esperança:** tem coisas
que a gente só descobre
no caminho



Padre Alessandro Campos

PASSO A PASSO COM DEUS PAI

**Nunca perca a
esperança:** tem coisas
que a gente só descobre
no caminho



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alessandro Campos, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Ligia Alves, Gleice Couto e Queni Winters

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Rafael Brum

Imagens de capa: Cecilie_Arcurs via iStock / Philip Thurston
via iStock / New Africa via Shutterstock

Ilustrações de miolo: Limolida Design Studio/Shutterstock.com
e kreativkolors / Magnific

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Campos, Alessandro

Passo a passo com Deus Pai / Padre Alessandro

Campos. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

144 p.

ISBN: 978-85-422-4386-4

1. Santiago de Compostela (Espanha) - Descrições e
viagens 2. Vida cristã 3. Espiritualidade I. Título

26-3301

CDD 910.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Santiago de Compostela (Espanha) - Descrições e viagens

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do
mundo, e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



dia 1

Há tantos pesos desnecessários que carregamos na vida

Nós começamos o Caminho de Santiago de Compostela em Saint-Jean-Pied-de-Port, na França, e seguimos para Roncesvalles, a primeira cidade por onde caminhamos. Foi uma experiência fabulosa; ainda era início da viagem, os primeiros 27 quilômetros.

E, meu Deus, como foi difícil. A montanha do Pico do Urubu de Mogi das Cruzes não é nada em comparação aos Pirineus. E foi por lá que começamos nesse primeiro dia.

Subimos as montanhas dos Pirineus, que têm uma paisagem linda, muito bonita mesmo, saindo de Saint-Jean-Pied-de-Port, uma cidade francesa, e indo até Roncesvalles, na Espanha. E é muito curioso, porque nós vivemos uma experiência fantástica de muito sofrimento.

A gente se empolga muito quando fala: “Vou fazer o Caminho de Santiago”. É que é tudo muito bonito, místico. Mas para quem não conhece, não tem noção do que é essa caminhada, não fala a língua...

Eu, por exemplo, sou totalmente sedentário. Thiago e Zum, amigos que na última hora se ofereceram para viajar comigo e fazer companhia durante o Caminho, são mais atléticos.

Mas, olha, o curioso foi o seguinte: nós saímos de manhã cedo, fazia muito, muito frio. E é algo com que fiquei impressionado. Nem é inverno ainda, pois ele só começa mês que vem. Então o frio que estamos passando aqui

é de um inverno pesado em São Paulo, só para se ter uma ideia.

E, nesse primeiro dia, nós não levamos comida. Tomamos um café de manhã cedo, seis, sete horas, eu gravei o vídeo avisando que estávamos começando a caminhada e fomos para o ponto de encontro para começar a subir a montanha.

E eu, no meu pensamento, achei o quê? Que no caminho teria uma parada para almoçar, algum restaurante. Chegamos à primeira parada, praticamente duas horas depois, mas não estávamos com fome; tínhamos acabado de tomar café. E segui com a mesma ideia em mente: vai ter um restaurante mais à frente.

Eu lhe digo que o que não faltou foi água, há uma fonte a cada um ou dois quilômetros; o que faltou foi comida. Meu Deus, que 27 quilômetros que não chegavam. E a gente subia, subia, subia, subia, subia, subia e não chegava, não chegava nunca. E a gente sem nada para comer. Absolutamente nada.

Caminhamos umas doze horas praticamente. E em oito delas estávamos com fome. As últimas três horas foram de descida, e a gente

já no limite, indo por uma ladeira cheia de pedra. E o Zum só falava de comida.

“Imagina aquela picanha agora.”

“Imagina aquele arroz, aquele feijãozinho.”

Eu pedi pelo amor de Deus para ele mudar de assunto. E aí a gente parava, jogava a mochila no chão e ficava uns dez minutos descansando. Voltava a subir, e, quando via uma curva mais fechada, pensava: *Bom, depois daquela curva vai ter uma descida.* Que nada! Depois daquela curva tinha mais uma subida, e mais outra curva e outra subida, e assim foi.

E aí, quando não estávamos mais aguentando, faltando umas duas horas para chegar, depois de dez horas de caminhada, quase no final da descida, paramos. E eu falei: “Não é possível, Tiago, que você não tem nada para comer, cara. Revira essa mochila. Zum, revira essa mochila. Tem que ter uma bala, um doce, alguma coisa. Senão a gente não vai conseguir chegar”.

Não tínhamos mais força para caminhar. Estávamos todos acabados. Mas o que aconteceu? Você não vai acreditar! Nós encontramos, sim, algo ali nas mochilas. Tínhamos uma

vitamina C do Tiago e o pacotinho de açúcar do Zum, que ele guardou do café. Eu tinha um pacotinho de sal.

Pois a nossa comida, depois de dez horas de caminhada, nosso primeiro alimento para conseguir chegar a Roncesvalles, foi uma vitamina C, um pacotinho de açúcar de 5 gramas e um pouquinho de sal, tudo dividido por três. Foi a melhor comida que eu comi na vida.

Agora eu entendo por que quando as pessoas passam fome comem qualquer coisa. Porque na hora do aperto, meu amigo, não tem essa de “eu não como cebola, não como pepino e não como pimentão”. Garanto a você.

Naquele dia, começamos a pensar em tudo aquilo de que a gente não gosta. E eu desejei comer tudo aquilo de que eu não gosto: pimentão, pepino e cebola.

Se tivesse uma cebola crua, eu comeria.

Se tivesse um pimentão cru, eu comeria.

Meu Deus, que sensação horrível foi ter ficado sem comida por tanto tempo.

E o interessante é que não é como no Brasil, que a gente entra em qualquer mato e acha

uma fruta. Aqui não se achava nada. O Zum ficou desesperado. “Mas não é possível que não tenha uma fruta, que não tenha um limão.” Não tinha nada, nada, nada, nada.

Mas chegamos em Roncesvalles, e logo falei: “Quando a gente chegar na cidade, vamos direto a um restaurante comer, depois a gente vai para o albergue tomar banho e dormir”. Estávamos fracos já, né?

E, veja bem, ali não tinha bar, não tinha hotel, só tinha um mosteiro e um albergue. Seria a primeira vez na minha vida que eu ficaria em um albergue. E não era uma cidade, era um vilarejo muito pequeno.

Chegamos no albergue, tiro o tênis, coloco o tênis na... no chão, lá na sapateira. E fomos entregar o passaporte para carimbar, aí cama.

Bom, albergues são todos iguais. Parece o exército. É um alojamento. Fica todo mundo junto. Não faz distinção de idade, classe social, raça nem gênero. E também tem horário para tudo. O horário da comida era nove da noite. E chegamos lá por volta das sete. Mortos. Mas só poderíamos comer no horário

combinado, porque é tudo certinho, por grupo. Economizado.

Na hora eu falei: “Não, agora nós vamos morrer mesmo”. E aí fomos tomar banho e aguardamos. Deu nove horas, e, meu Deus. Que comida maravilhosa: batata, salada, azeite, pão e carne. E sobremesa.

Aqui é assim em todo lugar: pão com *jamón*, batata, carne sem sal, sem tempero, sem alho. Tempero nenhum. Tempero deles é sal, e o café é sem açúcar. E assim está sendo até onde estamos neste exato momento.

Mas, olha, eu poderia contar com muitos detalhes cada dia da viagem.

Depois de Roncesvalles, seguimos para Pamplona, e de lá para Puente de la Reina, Estella, Los Arcos, Logroño, Nájera, Santo Domingo de la Calzada, Belorado, e agora estamos em San Juan de Ortega. O trecho mais difícil foi de Santo Domingo de la Calzada até Belorado.

Caminhamos à noite. Passamos frio, fome. Sessenta, setenta quilômetros. E, meu Deus, que experiência! Quinze horas de caminhada. Estávamos mortos de fome, e encontramos

tudo fechado. Não tinha banho. E, por fim, achamos um hotel duas estrelas, o dono já estava de saída e foi muito gentil.

Nossa intenção era ficar um dia a mais no hotel para descansar, para recuperar as energias. Mas no dia seguinte, com a graça de Deus, acordamos bem e falei: “Vamos seguir viagem, senão a gente não chega”.

E, devo dizer, é realmente uma experiência espiritual muito interessante, muito magnífica. A gente aprende o que é resiliência. E vou dizer para você em poucas palavras o que é o Caminho de Santiago.

É o caminho da vida. Da purificação. É o caminho do sofrimento, mas é também o caminho da alegria. A gente tem se alegrado bastante.

A gente encontra pessoas do mundo inteiro, conversa com todo mundo, ninguém entende nada, mas, ao mesmo tempo, acaba entendendo. Quando encontra um brasileiro, é uma alegria. Tem brasileiro em tudo quanto é canto, não tem jeito.

E cada um tem uma história de vida. E onde encontramos um brasileiro, ele me reconhece. Eu

tenho chamado muita atenção. “O padre Alessandro está aqui também.” “Ah, eu vi no Instagram que o senhor estava aqui.” Já fizemos uma festa com os brasileiros, mas estamos seguindo em frente. Vamos chegar até o final da nossa meta.

São muitas dores, claro, muitas bolhas, as pernas todas assadas. Dor no joelho, quase que eu não aguentei caminhar um dia. E dá vontade de desistir no meio do caminho, de pegar o carro e ir embora, pegar um táxi. É dor nas costas, dor no pescoço. Meu Deus. É muito sofrimento, muita dor. E também é gratificante, né?

E isso porque a gente vai aprendendo no meio do caminho com coisas muito simples. E o bom é que aceitei o conselho que me deram e trouxe companhia. O Zum é engraçado demais. Ontem mesmo ele falou: “Padre, eu tenho certeza absoluta de que, se cometi muitos pecados, já estou pagando por todos eles nesse caminho aqui. Eu estou com medo até de morrer, porque não é possível, padre. Foi Santiago que inventou esse caminho? Não é possível. Foi para a gente pagar os nossos pecados, né, padre?”.

HÁ VERDADES QUE SÓ SE REVELAM NO CAMINHO

PASSO A PASSO COM DEUS PAI nasce da experiência vivida por Padre Alessandro no Caminho de Santiago. Ao longo da peregrinação, cada passo se torna um convite à reflexão sobre o percurso que trilhamos na vida e sobre como nossas decisões, relacionamentos e pensamentos vão moldando a estrada que se forma diante de nós.

Entre o cansaço físico, o silêncio, os encontros e a oração, o autor compartilha aprendizados que só podem ser descobertos no Caminho – aqueles que surgem quando nos dispomos a andar com fé, confiança e esperança. Mais do que um relato de peregrinação, este livro é um convite para olhar com honestidade para a própria jornada e reconhecer que, mesmo nas incertezas, Deus caminha conosco passo a passo.



Planeta



9 788542 243864